

GUIMARÃES ROSA: O FEMININO OCULTADO

Paulo Roberto Monteiro de Araujo*

Resumo: O presente artigo trata do problema do reconhecimento do gênero feminino em *Grande sertão: veredas*. Analisando a estrutura das identidades culturais das personagens, o texto mostra as contradições da idéia de feminino no livro, a partir dos estudos multiculturalistas e do pensamento de Charles Taylor.

Palavras-chave: Gênero; reconhecimento; identidade; vocabulário; referência; significado; cultura.

■ Começamos este ensaio/artigo com a frase célebre que marcou, embora muitas vezes esquecida, os momentos iniciais daquilo que chamamos de pensamento ocidental: o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são e das que não são enquanto não são. Essa frase dita por Protágoras traz em si mesma as raízes da capacidade interpretativa do humano, no sentido daquele que atribui significados aos entes e cujo estatuto existencial/real de ser ou não ser depende da estrutura particular cognitiva/perceptiva da subjetividade de cada homem. É por meio da perspectiva teórica de Protágoras, tão classicamente marginalizada pelo trio Sócrates, Platão e Aristóteles, que iniciamos a nossa ousadia interpretativa de uma das obras referentes da cultura ocidental contemporânea: *Grande sertão: veredas*.

A nossa preocupação com a obra de Guimarães Rosa não se encontra teoricamente nem na lingüística nem numa analítica existencial com características heideggerianas, embora isso não signifique a negação de ambas. O foco do presente texto está no horizonte do multiculturalismo, mais precisamente no estudo do gênero. É no mundo anglo-saxão que os estudos do gênero vêm se desenvolvendo, principalmente a partir da década de 80 do século passado, embora a sua origem esteja marcada pelos movimentos feministas dos anos de 1960. São os movimentos políticos de caráter identitário, em que não estão em jogo somente reivindicações de classe social, cuja concepção teórica está no marxismo, que vão determinar uma nova demarcação na composição e construção da subjetividade daqueles que estão submersos na vida cultural do ocidente contemporâneo. A busca pelo reconhecimento identitário caracteriza a reivindicação política dos indivíduos, seja numa dimensão particular seja na esfera coletiva do grupo. O desejo, na cultura ocidental, ganha outra face por meio das lutas vinculadas ao reconhecimento da identidade expressa pelo indivíduo ou pelo grupo, no espaço público. A determinação do desejo,

.....
* Professor adjunto de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor na Universidade Anhembi-Morumbi. E-mail: prmaraujo@uol.com.br

na contemporaneidade, é o reconhecimento daquilo que se é como expressão humana. Eis o motivo do surgimento do multiculturalismo em um tempo marcado pelo retorno da expressão cujo fundamento conceitual se encontra nas teorias expressivistas do Romantismo alemão e em teóricos da linguagem, como Herder,¹ pertencente ao mesmo período da referida corrente.

É a partir da expressão que podemos lançar luz em relação ao feminino em *Grande sertão*. Na figura de Diadorim, personagem que tem como marco psicológico o sentimento de vingança pelo assassinato do pai (Joca Ramiro), o feminino se apresenta esvaziado, dando vazão, assim, ao desenvolvimento da sua identidade masculina. Diadorim encontra-se no universo masculino, sem estrutura vocabular feminina que lhe permita construir uma identidade originada no seu próprio gênero. A importância do vocabulário para a construção da identidade está em seus elementos lingüísticos, considerados como universo referencial significativo de cultura, valor, psique, juízo, percepção e de gênero.² É por meio do vocabulário que o indivíduo elabora a si mesmo. Desse modo, sem os referenciais significativos, não há como o indivíduo se aperceber do processo de elaboração da sua própria identidade, que ocorre por meio da compreensão e interpretação daqueles referenciais.

Em Diadorim, os referenciais significativos estão fundados num vocabulário masculino construído pela cultura do jagunço originado do sertão mineiro. Essa cultura serve de fonte para Diadorim elaborar a sua identidade, que, antes de ser considerada feminina, é masculina. Apesar de Diadorim ter consciência do seu gênero, este não tem relevância na caracterização expressiva da sua identidade. Diadorim é jagunço, daí as suas atitudes e gestos apresentarem-se de modo não-titubante na hora dos conflitos.³ É Diadorim ainda que assume uma atitude ativa em relação a um passivo Riobaldo:

Por mim, não sei que tortura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe. Eu não tinha coragem de mudar para mais perto. (Rosa, 1983, p.24)

Ao confessar a sua obediência a Diadorim, Riobaldo demonstra que está apaixonado não pelas características finas e belas do rosto de Diadorim, mas pelos seus gestos firmes, masculinos. Cabe lembrar que o masculino aqui se refere aos significados da cultura, da estrutura psíquica e dos valores do jagunço, mais especificamente num sentido weberiano, de um tipo ideal mineiro da caatinga.

A atração de Riobaldo por Diadorim começa antes de aquele entrar na jagunçagem. Tal atração tem o seu início na adolescência de ambos, quando

1 Para Herder (1987, p.148), a língua, ao estar em constante transformação, faz surgir sempre uma nova língua em cada novo mundo, língua nacional em cada nação. Sendo assim, "a linguagem é um Proteu sobre a superfície curva do planeta". Taylor (1994) analisa essa estrutura autotransformadora da língua, que faz brotar de si mesma novas formas de linguagem, com o propósito de desenvolver uma Política do Reconhecimento, em que as diferentes formas de expressão humana possam ser compreendidas em suas reivindicações sócio-político-culturais. Desse modo, a teoria herderiana da linguagem possibilita abrir os horizontes teóricos no que se refere à origem das expressões humanas como manifestações significativas das suas identidades.

2 O movimento feminino mudou, segundo Taylor (1994), a identidade feminina ao elaborar outro vocabulário para a mulher. A elaboração de novas articulações significativas possibilita à mulher transformar os seus sentimentos experimentando outras possibilidades de ser humano. Daí o feminismo como movimento social e teórico fornece a muitas mulheres um vocabulário novo para interpretar suas experiências e emoções.

3 "– Diadorim mandou o Fancho se levantasse: que puxasse também da faca, viesse melhor se desempenhar! Mas o Fancho-Bode se riu, amistoso safado, como tudo tivesse conestado só duma brincadeira: – 'Oxente! Homem tu é, mano-velho, patriócio!' Estava escabreado" (Rosa, 1983, p.116). É nessa narração de Riobaldo sobre a valentia de Diadorim ao enfrentar dois jagunços, zombadores da sua masculinidade, que podemos comprovar as características identitárias do referido personagem.

Riobaldo, pedindo esmola para pagar uma promessa feita por sua mãe, encontra Diadorim no porto de um afluente do São Francisco. É Diadorim que toma a iniciativa de convidá-lo para atravessar o afluente até a sua desembocadura no São Francisco, mesmo sem saber nadar. Além disso, é ele que dá a mão a Riobaldo para ajudá-lo a descer o barranco e pegar a canoa. Mesmo com mão bonita, macia e delicada, como de uma moça, é Diadorim que aparece como o rapaz protetor e corajoso:

– “Carece de ter coragem...” – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Doí de responder: – “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: – “Eu também não sei.” ... – “Você nunca teve medo?” – foi o que me veio, de dizer. Ele respondeu: – “Costumo não...” (ibidem, p.78)

As raízes da coragem de Diadorim se encontram no modelo masculino do pai, que pode ser apreendido em seu dizer: “– Meu pai é o homem mais valente deste mundo” (ibidem, p.78). Sendo assim, se foi a mãe de Riobaldo que lhe ensinou a pagar promessas, é o pai de Diadorim que lhe ensinou a ser corajoso. Daí a lição que Diadorim dá a Riobaldo, ensinando-lhe a enfrentar o destino, sem medo. Para Diadorim, o medo é algo inexistente. Por isso ele pergunta a Riobaldo: “Que é que a gente sente, quando se tem medo?” (ibidem, p.78).

Diadorim aprende que precisa ser diferente com o pai: “– Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” (ibidem, p.80). É na necessidade de ser muito diferente que se pode apreender o processo da formação identitária de Diadorim. Seu pai só pode ensinar e transmitir o seu universo de valentia como valor fundamental do masculino, por isso Diadorim precisa ser muito diferente do seu próprio gênero, do feminino. É o aprendizado do ser masculino que faz que Diadorim careça ser diferente de tudo, isto é, de tudo aquilo que esteja vinculado ao universo feminino. Contraditoriamente, ao ser homem, a feminilidade de Diadorim torna-se protegida. Não há como esquecer-se de que Diadorim é belo. A preocupação paterna é resguardar a fragilidade da beleza feminina da filha, mas para tanto é preciso ensinar-lhe a ser valente. A origem formadora da identidade de Diadorim se encontra no Quem masculino paterno. Sendo o Quem masculino a base da valentia de Diadorim, este pode, então, resguardar a sua feminilidade ocultando-a. Havendo a preocupação de proteger a suposta beleza frágil de Diadorim lhe é negada a possibilidade de ser mulher.

A sua tarefa passa a de ser homem, aliás, não qualquer homem, mas o homem valente, que não sabe o que é medo. O universo referencial significativo de Diadorim está calcado na linguagem masculina altiva, assim como sua percepção e seu entendimento. Diadorim é educado para ser senhor de si mesmo, ou seja, homem que conhece as suas determinações altivas. Por meio da altivez,⁴ Diadorim cumpre a tarefa que o pai lhe deu: proteger-se do mundo duro masculino sertanejo, através da própria dureza desse mesmo mundo.⁵ Seguindo a Arete do masculino altivo, transmitida pelo pai, Diadorim assume a sua missão heróica relacionada à proteção de si mesmo, como também a

4 Essa altivez pode ser comparada ao conceito de altivez desenvolvido por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*. A altivez em Nietzsche corresponde ao instinto senhorial do Super-homem (*Übermensch*) que não tem medo de enfrentar o acaso da existência humana. Também em Hegel essa altivez aparece na dialética do senhor e do escravo na sua *Fenomenologia do espírito*.

5 A rudeza do mundo pode ser comprovada na cena em que Riobaldo e Diadorim estão na beira do rio quando aparece um homem jovem que tenta agarrar sexualmente Diadorim, que com toda coragem finge aceitar os desejos do homem e quando este se aproxima enfia-lhe um punhal na mão.

proteção da honra e memória daqueles que lhe são intimamente próximos: o pai e o tio assassinados.

Cabe, no entanto, esclarecer que, apesar de Diadorim aprender a ser homem, isso não significa que haja negação do instinto feminino. Diadorim sabe que a sua paixão por Riobaldo é heterossexual, por mais que isso seja evidente instintivamente. Entretanto, os instintos femininos não são o suficiente para que haja em Diadorim um processo de passagem do *ethos* masculino para o feminino, ou, ainda, do gênero masculino para o feminino. Não há esse pêndulo dialético na personalidade de Diadorim. Numa perspectiva fenomenológica, o conceito de intencionalidade⁶ como fundamento para a formação da identidade da pessoa se configura em Diadorim como masculino. Desse modo, os seus atos, em suas intencionalidades, são do gênero masculino, lembrando mais uma vez que esse masculino possui referencial significativo vinculado ao horizonte da cultura sertaneja mineira.

A problemática de Diadorim em relação ao gênero feminino está na falta deste em sua personalidade. Daí ele só permitir que seja revelada a Riobaldo a sua condição física de mulher após a sua morte. A única revelação mais íntima de si mesmo que Diadorim faz a Riobaldo é a respeito do seu nome. Reinaldo é como ele se apresenta ao mundo rude dos homens; para Riobaldo, sua paixão, ele é Diadorim. O traço de diferenciação entre mundo (externo) e paixão (interno) permite que haja, de forma sutil, um desocultamento do feminino resguardado em Diadorim. É a paixão que faz que Diadorim tente afastar as mulheres de Riobaldo, por meio de subterfúgios vinculados ao discurso moral. Mesmo utilizando uma linguagem moralizante, persiste a falta de referenciais significativos femininos nesses atos ciumentos de Diadorim, pois não há traços vocabulares que o possam identificar como mulher.

Na narrativa de *Grande sertão*, o feminino aparece como a prostituta doce e disponível sexualmente, a noiva paciente, a mãe religiosa e sofredora. Há sempre um vínculo de dependência em relação ao masculino, em que as determinações do gênero feminino tendem a se limitar passivamente à conformidade das determinações ativas dos homens. Não há como existir em *Grande sertão* o reconhecimento do feminino, no sentido de reconhecimento da diferença como igual, para usarmos a idéia de Charles Taylor no que se refere à sua teoria sobre a Política do Reconhecimento. Se o homem é reconhecido a partir de ações que lhe conferem o formato de sujeito que age e pensa ativamente, sem dependência de terceiros,⁷ a mulher, por sua vez, só é reconhecida pela beleza e finura dos gestos, ou, ainda, pela paciência. Os únicos marcos que fazem Riobaldo reconhecer de modo intuitivo e inconsciente Diadorim, como mulher, são os traços físicos, o nariz bem feito, olhos grandes, os cílios, o rosto harmonioso. São esses traços femininos de Diadorim, lembrados ao longo da narrativa rosiana, que garantem a masculinidade heterossexual de Riobaldo, em contradição com a sua paixão desenfreada por um suposto homem. Limitar a identidade da mulher ao físico faz que a narrativa desenvolvida em *Grande sertão* não acolha, em sua estrutura textual, a possibilidade de

6 Como diz Heidegger (1999, p.84): "Atos são sempre algo não psíquico. Pertence à essência da pessoa apenas existir no exercício de atos intencionais e, portanto, a pessoa em sua essência não é objeto algum. Toda objetivação psíquica, por conseguinte toda apreensão de um ato como algo psíquico, equivale a uma despersonalização. Em todo caso, uma pessoa só é, na medida em que executa atos intencionais ligados pela unidade de um sentido".

7 Daí a fala de Riobaldo: "Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu Riobaldo. Eu não queria querer contar" (Rosa, 1983, p.110).

reconhecimento do gênero feminino. Nesse aspecto, a idéia de reconhecimento do outro fica comprometida, pois este não pode ter a sua identidade limitada às suas características físicas. Daí a referência a Taylor em relação à Política do Reconhecimento. Para ele, o que está em jogo numa Política do Reconhecimento é a dignidade do modo de ser do outro.

Não havendo diálogo com o feminino na narrativa de *Grande sertão*, cria-se uma estrutura monológica do masculino, que torna difícil o reconhecimento do outro gênero. Inspirando-se no conceito de fusão de horizontes de Gadamer, Taylor elabora uma hermenêutica que consiga compreender as tradições significativas do outro com o intuito de mostrar a necessidade que temos de rever os nossos próprios padrões culturais. Assim, ao nos deslocarmos do nosso padrão cultural em direção ao padrão alheio, expandimos a compreensão de nós mesmos como agentes humanos. As conseqüências da expansão dos nossos horizontes nos possibilitam visualizar os nossos próprios preconceitos no que se refere aos nossos juízos de valor em relação àquilo com que não estamos familiarizados.⁸ Sem haver familiaridade com os padrões culturais femininos, acaba existindo um aniquilamento do gênero feminino na estética literária de *Grande sertão*. O que resta, então, ao feminino no processo narrativo rosiano é assumir o padrão cultural masculino do jagunço. Somente assumindo a identidade do outro que o feminino ganha relevo dramático na história de Guimarães Rosa; lembremos que Diadorim, como expressão masculina, é o elemento que perturba a certeza de Riobaldo quanto à sua heterossexualidade.⁹ É também o mesmo Diadorim que possibilita a Riobaldo se questionar, no sentido de perder as suas ilusões em relação à compreensão segura da existência humana.¹⁰ Daí a frase célebre do Riobaldo maduro: Viver é muito perigoso.

Assumindo o vocabulário masculino e tornando-se expressivamente homem, Diadorim chega à consciência de si¹¹ da psique masculina que lhe possibilita compreender os limites para revelar a sua paixão por Riobaldo. Diadorim sabe que, apesar de seu sexo ser feminino, a sua identidade expressiva é masculina. Ele não confessa a sua verdadeira condição sexual a Riobaldo por respeito à sua própria identidade masculina, construída a partir do universo paterno. Além disso, confessar a sua condição feminina é ter que entrar na disputa amorosa com Otacília, noiva de Riobaldo. Porque Diadorim tem como hegemonia vocabular o padrão masculino, é-lhe impossível enfrentar o padrão vocabular feminino. Daí a sua fraqueza diante do feminino. No entanto, o feminino que Diadorim teme é o dado pela cultura hegemônica masculina do sertão. “Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais” (ibidem, p.137); com essas palavras Riobaldo descreve o modelo ideal do feminino ou ainda da mulher ideal para casar e constituir família.

Além desse modelo feminino, visto como puro, existe o segundo modelo, vinculado à prostituta, cuja descrição Riobaldo faz ao referir-se a Nhorinhá: “pimenta branca, boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno” (ibidem, p.137).

8 Ver o nosso livro: *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento* (Araújo, 2004, p.189).

9 “A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação para aos vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida” (Rosa, 1983, p.106).

10 Daí Riobaldo, ao narrar a sua estória para o seu ouvinte, diz que a vida não é entendível! (Rosa, 1983, p.102).

11 Numa semelhança ao conceito de *Selbstbewusstsein* que Hegel desenvolve em sua *Fenomenologia do espírito*.

Ambos os modelos servem como parâmetros de relacionamento amoroso com o feminino de uma forma pura ou impura. Eis por que Riobaldo, ao perguntar a Otacília, representante do modelo de pureza feminina, o nome de uma determinada flor, obtém a seguinte resposta: “Casa-comigo...”. Por sua vez, a suposta resposta de Nhorinhá, modelo impuro de feminino, seria: “Dorme-comigo...” (ibidem, p.137). Podemos perceber que a mulher aparece no vocabulário masculino de forma categorizada como pura ou impura (libertina). Estando fora desses modelos, e sem nenhuma possibilidade de elaborar um modelo alternativo, Diadorim tenta assegurar o amor de Riobaldo utilizando subterfúgios. Assim, em vez de ser manso e delicado, Diadorim é bravo e indócil com o seu amado.

Vai, e vem, me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: – “Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado avejo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?! Jurei. (ibidem, p.138)

Ao intimar e obrigar Riobaldo a fazer um acordo de não ter mais relações sexuais com nenhuma mulher, Diadorim tenta aniquilar os modelos femininos presentes no imaginário do homem identificado com a cultura sertaneja mineira. No entanto, reprimindo os instintos masculinos de Riobaldo, Diadorim só consegue que ele vá em direção aos modelos femininos que lhe são dados pela cultura sertaneja. “Desabafei, disse a ele coisas pesadas. – Não sou o nenhum, não sou frio, não... Tenho minha força de homem!” (ibidem, p.139). Ao descumprir o trato feito com Diadorim, Riobaldo somente afirma os seus desejos masculinos no sentido de dar vazão aos seus instintos sexuais mais básicos.

Querendo dominar Riobaldo, Diadorim só reforça o modelo masculino que lhe foi dado culturalmente. Desse modo, é Diadorim que quer para si o modelo dócil e puro do feminino na figura masculina de Riobaldo. Se, por um lado, Diadorim não consegue enfrentar os modelos femininos enquanto disputando o amor de um homem, por outro, ele tenta transformar esse mesmo homem num modelo feminino. O que Diadorim busca, então, é a manutenção da sua identidade masculina amando um homem feminino, dócil e puro. No entanto, Diadorim não compreende que Riobaldo o ama de modo incondicional, independentemente dos seus desejos por outras mulheres: “Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim” (ibidem, p.139).

Dominado pela paixão, mais que pela idéia de ser dominado por outro homem, Riobaldo vive as contradições e impossibilidades de um amor proibido que lhe reforça a tese da existência do Demônio como elemento perturbador da ordem das coisas. Daí a inversão do amor homem e mulher pelo amor homem e homem. A idéia da existência do Demônio gera dúvidas em Riobaldo quanto ao seu amor por Otacília, ao mesmo tempo torna clara a impossibilidade de amar outro homem: “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi” (ibidem, p.350). A única saída de Riobaldo para sua paixão homossexual é reprimir os seus desejos.

É por meio do referencial significativo masculino sertanejo que Riobaldo pode recompor e reaver a sua identidade fundada na governança de si mesmo

como ato de governar o mundo: “O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... Aquilo eu repeli?” (ibidem, p.350). No entanto, não há como Riobaldo repelir a sua paixão por Diadorim, pois a sua tarefa é compreender, por meio dessa paixão, as contradições da existência humana. Quanto mais Riobaldo tenta reafirmar a sua heterossexualidade, mais ele se aproxima das suas determinações homossexuais. Não à toa, no universo da obra de Guimarães Rosa, a contradição ser o eixo para a construção da narrativa, bem como o elemento que permite o seu desenvolvimento estético.

Tendo consciência das suas determinações contraditórias, homem em sua identidade e mulher em seu corpo biológico, Diadorim sabe que amar Riobaldo é impossível, não somente porque ele não pode competir com os outros modelos femininos, mas também porque Riobaldo o ama justamente por causa das suas determinações masculinas. Sendo mulher biologicamente, Diadorim perde o encanto para um Riobaldo apaixonado por um homem. É por um homem que Riobaldo está apaixonado, não por uma mulher, ou seja, é pelas determinações da identidade masculina que ele está apaixonado. Além disso, o elemento feminino cumpre a sua função amorosa nos sentimentos de Riobaldo por meio de Otacília, a noiva. Para Diadorim, revelar a sua condição física feminina a Riobaldo é arriscar perder o seu amor. Assim, se o trágico para Riobaldo é amar um homem, para Diadorim, o trágico é não poder revelar ao homem que o ama a sua condição feminina.

A maneira encontrada por Guimarães Rosa para a não-realização da idéia de desencanto do amor de Riobaldo por Diadorim está na morte deste último. Só por meio da morte Riobaldo pode finalmente amar o homem que tinha o corpo feminino. Por sua vez, o corpo feminino de Diadorim serve como prova de gênero para solucionar o problema dos sentimentos contraditórios de Riobaldo. A narrativa rosiana resguarda o caráter heterossexual do personagem masculino mediante a representação corporal feminina do seu amado. Substancializando a mulher no corpo biológico, o gênero feminino se limita à determinação sensível. O corpo da mulher serve para resgatar as certezas do ser masculino. Nesse aspecto, há o desenvolvimento equivocado, no texto rosiano, do conceito de gênero feminino que se limita às representações corporais biológicas como forma de expressar a identidade da mulher. O feminino fica reduzido a formas corporais que ganham o caráter de objeto utilitário para solucionar as contradições do masculino, como aquele que deveria ser sujeito autônomo dos seus desejos e ações no universo das referências significativas da jagunçagem do sertão mineiro.

O conceito de gênero feminino encontra-se na dependência das referências masculinas, que lhe imprimem a idéia de mulher como desfrutável ou dócil. Não é por acaso que Otacília espera docilmente por Riobaldo, mesmo depois de este confessar-lhe que precisava se recuperar de um amor perdido: “Otacília me entendeu, aprovou o que eu quisesse. Uns dias ela ainda passou lá, me pegando companhia, formosamente” (ibidem, p.426). É encaixando-se nas representações do masculino em relação ao que é considerado feminino que Otacília ganha a certeza que Riobaldo trajaria terno de sarjão, flor no peito para se casar com ela. Ao cumprir o papel do feminino dado pelo masculino, Otacília consegue seduzir novamente Riobaldo: “Eu fui, com o coração feliz, por Otacília eu estava apaixonado. Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira” (ibidem, p.426).

De Diadorim, Riobaldo jamais poderia esperar o enquadramento representacional daquilo que é considerado mulher. Desse modo, Diadorim rompe com as representações dadas pelo masculino, embora só possa fazer tal rompimento mediante uma outra representação dada por meio da idéia de Jagunço. Negando a representação dada à mulher, Diadorim nos possibilita repensar conceitualmente o gênero feminino, não mais por meio de um vocabulário de valores dado pelo masculino, mas por meio de um princípio dialogal entre os gêneros. É nesse ponto que surge a necessidade do reconhecimento entre o gênero masculino e o feminino em prol da elaboração de identidades que dêem conta da interioridade pessoal de homens e de mulheres em todos os seus aspectos: sentimental, amoroso, sexual etc. Se a narrativa de Guimarães Rosa, por um lado, se limita a amenizar as contradições sexuais do personagem masculino (Riobaldo) por meio da ênfase das características físicas femininas de Diadorim, por outro, ela permite a reflexão sobre um tema tão contemporâneo como é o da identidade dos gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, P. R. M. de. *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo. Abril Cultural, 1983.
- TAYLOR, C. *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HERDER, J. G. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona, 1987.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

ARAUJO, P. R. M. de. Guimarães Rosa: the unveiled female. *Todas as Letras G* (São Paulo), ano 7, n.7, p.25-32, edição especial, 2005.

Abstract: This paper analyses the problem of gender's recognition in Grande sertão: veredas. Based on multiculturalism and on Charles Taylor's philosophical thought, it examines the structures of the characters' cultures identities to show the contradictions of feminine conception in the book.

Keywords: Gender; recognition; identity; culture; reference; meaning; vocabulary.